

SITUAÇÃO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA NO BRASIL

Maguida Costa Stefanelli*
Ilza Marlene Kuae Fukuda**
Marli Alves Rolim**
Evalda Cançado Arantes*

RESUMO — As autoras têm observado que os resultados da pesquisa em Enfermagem Psiquiátrica não estão sendo incorporados na prática. Este fato estimulou-as a realizar um estudo das pesquisas em Enfermagem Psiquiátrica desenvolvidas no Brasil para verificar o que tem sido estudado neste campo da enfermagem. O levantamento dos dados foi feito a partir da análise dos trabalhos publicados nas revistas nacionais de enfermagem. A finalidade deste estudo foi destacar os temas já pesquisados e estimular as enfermeiras a desenvolverem novas pesquisas que provam a qualidade da assistência de enfermagem psiquiátrica.

ABSTRACT — As observed by the Authors, the results of research in Psychiatric Nursing are not being utilized in the field. This fact stimulated then to survey the existing studies, in Brasil, in order to verify what has been investigated in the area. This study was carried out through the analysis of the national nursing periodicals. Their aim is to bring to focus the research already done and to stimulate the nurses to undertake new studies.

1. INTRODUÇÃO

O uso dos resultados de pesquisa para melhora da qualidade da prática da enfermagem tem sido preconizado em diversos encontros científicos. O 4º Seminário Nacional de Pesquisa promovido pela ABEn, em 1985, foi um exemplo vivo deste esforço. Quase um ano já se passou e, entretanto, parece que a nossa situação continua a mesma.

Para que sejamos respeitados e reconhecidos como elementos de uma profissão, como corpo de conhecimento próprio, temos que demonstrar a sua existência no nosso desempenho diário. Para sairmos da estagnação temos que começar a mudar nossa prática, porém com base em dados de pesquisa que nos dêem segurança, mesmo que relativa. Só assim conseguiremos modificar o "status quo" da enfermagem.

Se analisarmos particularmente a assistência psiquiátrica que vem sendo prestada ao doente mental, e mesmo no campo da saúde mental, percebemos que

esta assistência não tem sofrido mudanças significativas ao longo do tempo. O doente mental, no Estado de São Paulo, continua a ser internado em hospitais sem as mínimas condições de oferecer, pelo menos, o atendimento de suas necessidades básicas, até mesmo das fisiológicas, em condições humanas.

Por outro lado a pessoa que necessita de assistência à saúde mental, pode ser atendida, de algum modo, quando a procura, mas o seu retorno ocorre com intervalo de tempo muito longo e, em geral, este atendimento é feito somente pelo médico.

Uma assistência digna da condição de ser humano, daquele que procura assistência psiquiátrica ou de saúde mental tem sido amplamente propalada, principalmente pelos órgãos governamentais, embora os resultados desta política não possam ser observados.

Se considerarmos a produção científica como um elemento a serviço da sociedade, a mesma deve, então, surgir para a resolução dos problemas que a sociedade enfrenta dentro do seu momento histórico e

* Enfermeira. Professor Assistente Doutor do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP - disciplina Enfermagem Psiquiátrica.

** Enfermeira. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP disciplina Enfermeagem Psiquiátrica.

no seu contexto natural. Estaremos assim atendendo às considerações feitas por RODRIGUES (1979). Acreditamos, como o citado autor que, só assim estaremos realmente contribuindo para que as pesquisas na área da saúde respondam a problemas nossos, do aqui e agora, porém, abrindo perspectivas para o futuro.

De nossa experiência em Enfermagem Psiquiátrica, em período de tempo variável de 10 a 25 anos, temos observado que o volume de pesquisas neste campo tem aumentado gradativamente. Não temos observado, entretanto, mudanças na prática decorrentes da utilização dos resultados dessas pesquisas.

Parece-nos que pesquisas que deveriam ter como objetivo melhorar a qualidade da assistência de enfermagem estão sendo realizadas apenas para ascensão na carreira universitária ou para atender exigência de serviço para depois serem guardadas em arquivos particulares ou em prateleiras de bibliotecas. Precisamos mudar esta situação. Uma vez que o número de pesquisas aumentam, é esperado como consequência natural que o conhecimento gerado por estas constituam a base do cuidado de enfermagem oferecido à nossa clientela. preocupadas com estas considerações sobre a situação da assistência de Enfermagem Psiquiátrica e da Saúde Mental, no nosso País, resolvemos fazer um estudo sobre a pesquisa em Enfermagem Psiquiátrica no Brasil com os seguintes objetivos:

- retratar a situação da pesquisa em Enfermagem Psiquiátrica no Brasil;
- verificar se os enfermeiros da área assistencial têm conhecimento das pesquisas realizadas sobre Enfermagem Psiquiátrica e em Saúde Mental;
- identificar, segundo opinião das enfermeiras, se elas estão utilizando os resultados de pesquisas na prática diária;
- identificar sugestões oferecidas pelas enfermeiras para facilitar a incorporação dos resultados de pesquisas na prática de enfermagem;
- listar os temas sugeridos pelas enfermeiras para o desenvolvimento de novas pesquisas.

2. METODOLOGIA

População e campo de estudo.

Para atender ao primeiro objetivo usamos como fonte para o levantamento das pesquisas realizadas e publicadas, sob alguma forma, os periódicos nacionais, catálogos do Centro de Pesquisa de Enfermagem (CEPEN) da ABEn e Anais dos Seminários de Pesquisa em Enfermagem, arrolados a seguir.

- Revista Brasileira de Enfermagem
- Revista da Escola de Enfermagem da USP
- Enfermagem em Novas Dimensões
- Revista Paulista de Enfermagem
- Revista Gaúcha de Enfermagem
- Revista Baiana de Enfermagem

- Enfermagem Atual
- Enfermagem Moderna
- Enfoque
- Anais dos Seminários de Pesquisa (1º ao 4º)
- Informações sobre Pesquisa e Pesquisadores em Enfermagem - CEPEn (números 1 a 5).

Para atender aos três outros objetivos colhemos informações junto às enfermeiras que atuam em Enfermagem Psiquiátrica, em um hospital Governamental e na área de saúde mental (ambulatórios), na Grande São Paulo.

Após a consulta, de todos os fascículos de cada periódico, de catálogos do CEPEn e dos Anais dos Seminários de Pesquisa elaboramos um inventário das pesquisas encontradas. Estas foram analisadas quanto à formação de seu autores, área de atuação dos mesmos, população estudada, áreas e linhas de pesquisa segundo Avaliação e Perspectivas (BRASIL, 1982) e se foi utilizada para obtenção de título acadêmico ou não.

Quanto a leitura do resumo da pesquisa não foi suficiente para a obtenção dos dados, fizemos a leitura do trabalho, no seu todo.

Após, elaborarmos uma lista dos títulos das pesquisas encontradas para apresentar às enfermeiras, população deste estudo foi solicitado às mesmas que assinalassem se tinham conhecimento ou não de cada uma das pesquisas na prática diária; se sim, com que finalidade ou, se não, o porquê.

Indagou-se se as enfermeiras tinham interesse em desenvolver pesquisa, que sugestões poderiam apresentar para a incorporação dos resultados de pesquisa na prática e se poderiam sugerir temas para o desenvolvimento de pesquisas.

Como procedimentos, adotou-se:

Inicialmente solicitar autorização às coordenadoras dos serviços envolvidos. Também, foi solicitada a colaboração das enfermeiras explicando-lhes a finalidade do trabalho, respeitando a sua liberdade de participação e assegurando-lhes o aspecto confidencial das informações. Os participantes receberam orientação para o preenchimento adequado do questionário e as dúvidas foram esclarecidas à medida que surgiram.

Neste estudo os resultados serão apresentados em números absolutos e percentagem.

3. RESULTADOS E COMENTÁRIOS

Os periódicos foram consultados em sua totalidade. O levantamento feito nos permitiu identificar 63 pesquisas que são apresentadas a seguir na Tabela 1.

TABELA 1 — Distribuição das pesquisas listadas para este estudo.

PESQUISAS	Nº	%
Teses e dissertações	44	69,8
Outras	19	30,2
TOTAL	63	100,0

Entre as teses e dissertações, 44(69,8%) identificamos apenas duas (4,6%) realizadas por enfermeiras da área assistencial. As outras 42 (95,4%) foram realizadas por docentes.

A distribuição das 63 (100,0%) pesquisas quanto a área de atuação de seus autores pode ser vista na Tabela 2.

TABELA 2 — Distribuição das pesquisas segundo campo de atuação de seus autores.

ÁREA	Nº	%
Docência	65	92,9
Assistência	5	7,1
TOTAL	70*	100,0%

* Há trabalhos com mais de um autor.

Em apenas um trabalho encontramos docentes de Enfermagem Psiquiátrica e enfermeiras da área assistencial, o que já nos faz supor que existe uma tentativa de desenvolvimento de trabalho em conjunto. É sabido que este fato é um dos passos para facilitar a incorporação dos resultados na prática.

Esta escassez de participação das enfermeiras da área assistencial nos preocupa bastante, em face do incremento que tem sido dado aos cursos e disciplinas de pesquisas para enfermeiras nos cursos de mestrado, especialização, de extensão universitária e de atualização. Sendo que este último, às vezes, é solicitado pelas próprias enfermeiras da área assistencial. Sabemos que cursos apenas não são suficientes. É necessário, após estes, que as enfermeiras caso não se sintam seguras para desenvolver seus projetos de pesquisa que procurem assessoria dos órgãos pertinentes.

Em dois trabalhos encontramos entre seus autores docentes de Enfermagem Psiquiátrica e enfermeiras docentes que militam na área médico-cirúrgica. Pode-se supor que isto já denota preocupação, de am-

bas as partes, como o atendimento também dos aspectos emocionais do ser humano portador de moléstias orgânicas.

Há duas pesquisas que foram realizadas por enfermeira docente em conjunto com psicóloga (1) e pedagoga (1), ambas, porém, docentes de escola de enfermagem.

As populações estudadas nas pesquisas listadas para este estudo são apresentadas na Tabela 3.

TABELA 3 — Populações estudadas nas pesquisas listadas para este trabalho.

POPULAÇÃO	Nº	%
Pacientes	31	48,4
Pessoas da equipe de enfermagem	14	21,9
Pessoas da comunidade	9	14,1
Alunos de enfermagem	7	10,9
Familiares de pacientes	2	3,1
Anotações	1	1,6
TOTAL	64*	100,0%

* Em uma das pesquisas foram estudadas duas populações.

Na categoria “pessoas da equipe de enfermagem” identificamos quatro pesquisas cuja população estudada era de enfermeiros e 10 de atendentes. Em “pessoas da comunidade” foram incluídos gestantes, adolescentes, prostitutas, idosos, escolares e mães e “familiares de pacientes” embora sejam pessoas da comunidade foram destacados porque se referem a familiar de doente mental internado em instituição psiquiátrica.

A seguir apresentamos as pesquisas listadas segundo as três grandes áreas que englobam as linhas prioritárias de pesquisa determinadas no II Seminário Nacional sobre Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa em Enfermagem (BRASIL, 1982).

TABELA 4 — Distribuição das pesquisas, segundo áreas determinadas pelo CNPq. (BRASIL, 1982).

ÁREAS	Nº	%
Assistencial	47	74,6
Profissional	15	23,8
Estrutura, Organização e Funcionamento das Instituições.	1	1,6
TOTAL	63	100,0

Na área “Assistencial” ou estudos concentram-se na Linha 4 – Determinantes do processo saúde-doença: 47(74,6%). Estes, em geral, são estudos relativos a necessidades e problemas do paciente ou cliente; estudos sobre crenças, atitudes, comportamentos, necessidades em saúde e assistência. Dentre estes, 14 (29,8%) referem-se à pesquisas sobre saúde mental e 33 (70,2%) sobre enfermagem psiquiátrica.

Foram incluídos na área “Profissional” 4 (26,7%) trabalhos sobre o desempenho do papel do enfermeiro, 6 (40,0%) referentes ao ensino de enfermagem e 5 (33,3%) ao preparo de pessoal de enfermagem.

Em “Estrutura, Organização e Funcionamento das Instituições” foi incluído um trabalho sobre organização e funcionamento de um hospital.

Notamos, aqui, como em trabalhos similares, a predominância de estudos na área assistencial. Fica o questionamento sobre o porquê a prática da enfermagem psiquiátrica continua a mesma. Talvez porque as pesquisas são feitas em sua maioria por docentes e estes não divulgam ou não lutam pela implantação dos resultados encontrados ou porque estes não estão estudando problemas de real significação para a assistência de enfermagem psiquiátrica.

Em contrapartida, poderíamos supor também que as enfermeiras da área assistencial não envidam esforços para conhecer os resultados de pesquisas realizadas, uma vez que estas tomam conhecimento das pesquisas que são realizadas nas instituições onde trabalham; às vezes até participam da coleta de dados ou fornecem os dados para a pesquisa ou mesmo partilham a autoria de trabalhos. Outra consideração que merece destaque é o número de pesquisas sobre ensino (6–9,5%) uma vez que a grande maioria dos pesquisadores são enfermeiros docentes.

Dos 31 questionários distribuídos às enfermeiras apenas duas deixaram de responder. Das 29 (100,0%) respondentes, 11 (26,4%) assinalaram que não tinham conhecimento de nenhuma das pesquisas listadas. As outras 18 enfermeiras assinalaram ter conhecimento de uma ou mais das pesquisas listadas, sendo que 22 (34,9%) pesquisas foram assinaladas uma vez; 10 (15,8%), duas vezes; 1 (1,6%), três vezes; 2 (3,2%) quatro vezes; e, 1 (1,6%), cinco vezes, perfazendo um total de 58 (100,0%) assinalações em 36 pesquisas. Isto significa que do total de 63 (100,0%) pesquisas, 27 (42,9%) não eram conhecidas por estas enfermeiras. Salientamos, novamente, que além desta alta porcentagem do desconhecimento (22-34,9%) das enfermeiras respondentes, o fato de que 22 pesquisas eram conhecidas apenas por uma das enfermeiras.

As respondentes como tomaram conhecimento das pesquisas das enfermeiras, apontaram como fontes as citações a seguir.

TABELA 5 – Relação das fontes citadas pelas enfermeiras.

FONTE	FREQÜÊNCIA
• periódicos	17
• leitura	8
• livro didático	5
• cursos extra-curriculares	5
• escolas de enfermagem	4
• apostila	3
• local do trabalho	2
• docente escola de enfermagem	2
• co-autora	1
• Congresso Brasileiro de Enfermagem	1
• não lembra	1
• em branco	9

O aparecimento de *livros didáticos* surpreendeu-nos, pois estes quando muito, fazem apenas citação dos trabalhos de pesquisa e, não temos livros didáticos de enfermagem psiquiátrica na nossa língua. Outra resposta que causou-nos espanto foi “apostilas”. Ficamos em dúvida se realmente seriam “apostilas” ou “xerocópia” do trabalho original.

Preocupa-nos também a baixa freqüência com que aparecem como fonte do conhecimento das pesquisas listadas, as escolas de enfermagem e local de trabalho. Se a maioria das pesquisas são realizadas por docentes, ou estas não estão utilizando os resultados de suas pesquisas no ensino ou não as estão divulgando adequadamente.

Quanto ao local de trabalho não nos pareceu que a divulgação de resultados de pesquisas seja preocupação da instituição, uma vez que, nas respostas as enfermeiras disseram que encontraram a pesquisa por acaso, ou tomaram conhecimento da mesma por intermédio de colegas. Um fato que serve de alerta para todos nós é que parte das enfermeiras, população deste estudo, trabalham em hospital-escola. Podemos inferir, também que apesar de um dos trabalhos ter resultado de tentativa de integração docente-assistencial, as enfermeiras do campo não estão se preocupando com resultados de pesquisas feitas em suas próprias unidades de trabalho ou não vêem significação nos seus resultados.

“Congresso Brasileiro de Enfermagem” foi citado apenas uma vez. Sabemos que em todo Congresso há um sessão destinada à apresentação de resultados de teses e dissertações. Supomos que as enfermeiras de campo que comparecem aos Congressos de Enfermagem não estão motivadas o suficiente para assistirem esta sessão e se interessarem pela incorporação dos resultados na prática. Acrescentamos aqui, ainda, que vários trabalhos das sessões de temas livres são também frutos de pesquisas.

A utilização na prática dos resultados das pesquisas, listadas para este estudo, aparece assinalada 20

(34,5%) vezes; a não utilização foi assinalada 24 (41,4%) vezes, perfazendo um total de 44 assinalações o que significa que, do total de assinalações (58-100,0%) feitas pelas enfermeiras, 14 (24,1%) foram deixadas em branco.

A soma das assinalações em “não utilização” e das que não foram assinaladas é 38 (65,5%). Este resultado é uma constatação que muito nos preocupa. Cabe aqui reiterar a questão se os problemas reais da prática de enfermagem estão sendo pesquisados.

Ao descreverem a finalidade da utilização dos resultados de pesquisa na prática, as enfermeiras fornecem informações que nos permitem afirmar que pesquisa relacionada diretamente à assistência só aparece duas vezes, assim mesmo relativa ao trabalho com familiares de paciente internado; relacionada a trabalho em equipes de enfermagem e multiprofissional foi citada cinco vezes; e, utilização para promoção de treinamento de pessoal de enfermagem, duas vezes. As demais informações são relativas apenas às necessidades pessoais das respondentes ou não guardam relação com a pergunta.

As alegações a respeito dos motivos da não utilização dos resultados das pesquisas foram: “falta de oportunidade” e “estar estudando formas de adaptação”. As demais não são condizentes com a pergunta.

A maioria (27—93,2%) das enfermeiras respondeu que tem interesse em participar de pesquisa; uma (3,4%) respondeu que não; e, uma (3,4%) não respondeu a pergunta. Das que responderam “sim” algumas colocaram condições para realizar pesquisas, tais como: que as mesmas fossem feitas no próprio local de trabalho, que fosse oferecida disponibilidade para consulta bibliográfica.

Entre as sugestões para incorporar os resultados da pesquisa na prática obtivemos:

- divulgação em congressos, cursos, seminários, revistas e escolas (quase todas mencionaram este item);
- ampliação de discussão entre enfermeiras das áreas de ensino, assistência e pesquisa;
- divulgação mais ampla junto aos alunos de escola de enfermagem;
- divulgação e debate sobre os resultados das pesquisas;
- divulgação feita pelas autoras das pesquisas junto às enfermeiras do campo;
- levantamento das reais necessidades da comunidade para que os resultados possam ser utilizados na prática;
- incentivo às enfermeiras que têm vivência na prática;
- oferecimento pela instituição de espaço de tempo, dentro da jornada de trabalho, para estudo das pesquisas desenvolvidas com o objetivo de se adotarem os resultados na prática e obter subsídios para novas pesquisas;

— divulgação dos trabalhos em todas as áreas da enfermagem e não só na de Saúde Mental;

— motivação pela intuição para que o enfermeiro esteja mais em contato com as pesquisas;

— apresentação dos resultados de pesquisas em mesa redonda, com posterior discussão, para que cada enfermeira possa adaptar os resultados ao seu trabalho;

— criação de biblioteca de enfermagem que contenha teses.

Analisando as sugestões dadas pelas enfermeiras para facilitar a incorporação dos resultados de pesquisas na prática da enfermagem percebemos que algumas delas já estão em andamento há algum tempo e não nos parece ter afetado o “status quo” da prática de enfermagem. Entre estas podemos citar a divulgação em congressos, seminários, cursos sobre pesquisa, não só em escolas mas também em instituições, embora em menor escala.

Quanto à divulgação por meio de encontros e discussão entre enfermeiro pesquisador e enfermeiro de campo, achamos louvável a lembrança, embora tenhamos conhecimento de esforços isolados com essa finalidade sem resultado na prática.

As sugestões para novas pesquisas oferecidas pelas enfermeiras, população deste estudo, são apresentadas a seguir.

Estudos sobre paciente psiquiátrico: situação pós-alta, abandono de tratamento e seguimento ambulatorial, tentativas de suicídio, óbito em hospital psiquiátrico, paciente epilético, vivência do paciente dentro do hospital psiquiátrico.

Estudos com familiares de paciente psiquiátrico: rejeição do paciente, influência dos familiares sobre problemas psiquiátricos, comportamento dos familiares em face do tratamento ambulatorial.

Estudos sobre hospitais psiquiátricos: situação da assistência de enfermagem, “enfermagem x carceragem”; índice de internação em hospital psiquiátrico após abertura de ambulatórios de saúde mental na Grande São Paulo.

Estudos sobre papel e funções do enfermeiro: no atendimento de pacientes psicóticos crônicos em ambulatórios ou em hospital; formação necessária para atuar em ambulatórios; trabalho do enfermeiro em face da equipe de enfermagem e relacionamento do enfermeiro com pessoal da equipe de enfermagem.

Estudos sobre Psiquiatria Infantil: assistência de enfermagem; implementação de planos de assistência; suicídio na infância; rejeição dos familiares à criança internada em hospital psiquiátrico.

Outros estudos: formação de consciência voltada para a pesquisa; terapia de apoio para enfermeiros que atuam em Enfermagem Psiquiátrica; relacionamento enfermeiro-paciente e efeitos sobre o enfermeiro; psiquiatria e atendimento religioso quando o familiar encara a doença mental como problema religioso; e, en-

fermagem psiquiátrica em serviço de emergência psiquiátrica em hospital geral.

Considerando a amplitude de sugestões oferecidas e o número de enfermeiras que responderam ter interesse em desenvolver pesquisa esperamos que, após discussão com as enfermeiras sobre estes resultados, as mesmas se engajem em trabalhos na busca de respostas aos temas que apontaram como importantes para serem estudados. Aachamos, entretanto, que muitos dos temas apontados dependem mais do uso do método de solução de problemas, de leituras e de aplicação de conceitos teóricos na prática.

Cabe aqui comentário sobre a necessidade de integração docente-assistencial considerando que a maioria das pesquisas são realizadas por docentes e, em geral, nos hospitais-escola e ambulatórios onde há maior número de enfermeiras.

Ao desenvolver pesquisa e tentar incorporar os resultados obtidos na prática as enfermeiras estarão assim assumindo sua responsabilidade em face das necessidades de auto-desenvolvimento e de contribuição para que a Enfermagem tenha um corpo de conhecimento próprio, solidamente apoiado em pesquisas, e, conseqüentemente uma melhor qualidade da assistência prestada à pessoa necessitada de atendimento de enfermagem, seja no campo da Psiquiatria ou da Saúde Mental.

4. CONCLUSÕES

As pesquisas em Enfermagem Psiquiátrica estão sendo realizadas em sua maioria por enfermeiras docentes; a população predominante nos trabalhos é o paciente, seguido de pessoas da equipe de enfermagem e da comunidade; e, os estudos estão centrados na área assistencial e profissional.

As conclusões a seguir são limitadas à população estudada. Não permitem generalizações.

Das pesquisas listadas 36 (58,1%) são conhecidas

por uma ou mais enfermeiras e 27 (42,9%) são desconhecidas pelas mesmas.

Das enfermeiras respondentes 11 (37,9) não conheciam nenhuma das 63 (100,0%) pesquisas listadas.

A fonte mais citada através da qual as enfermeiras tomaram conhecimento das pesquisas foi "periódico".

A utilização dos resultados das pesquisas na prática recebeu 20 (34,5%) assinalações positivas; 24 (41,4%) negativas; e, em 14 (24,1%) pesquisas não houve qualquer assinalação.

A sugestão mais apontada pelas enfermeiras, para facilitar a incorporação de resultados de pesquisas na prática, foi a divulgação dos resultados entre os enfermeiros da área assistencial.

Os temas mais sugeridos pelas enfermeiras para o desenvolvimento de novas pesquisas referem-se ao paciente, aos familiares deste, a hospital psiquiátrico e a assistência de enfermagem em Psiquiatria Infantil.

Com conclusão final, gostaríamos de ressaltar a necessidade de se criar centros para estudar como incorporar os resultados de pesquisa na prática de enfermagem. Paralelamente, a necessidade das comissões pertinentes da ABEn continuarem a oferecer seminários para divulgação dos resultados de pesquisas realizadas sobre enfermagem; cursos de pesquisa nas diversas instituições de saúde e de prestar assessoria às enfermeiras na realização de suas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL, SEPLAN, CNPq. *Avaliação e Perspectivas*. Brasília, 1982 (Ciências da Saúde, 1-6; Enfermagem, 38).
2. RODRIGUEZ, M.I. El trabajo científico en la formación de profesionales de salud. *Educ. Med. Salud*, Washington, 13(3): 212-29, 1979.